

No Rio das Amazonas: cultura do homem amazônico em cena

Valdir Aparecido de Souza

(Universidade Federal de Rondônia, Brasil)¹

Danilo Leandro da Silva

(Secretaria de Educação do Estado de Rondônia, Brasil)²

Resumo: O presente artigo pretende ser um ensaio de história e estudos culturais, por meio da análise do documentário “No Rio das Amazonas”, e também encontrar respostas para os questionamentos de Euclides da Cunha: a Amazônia ainda continua uma terra sem história, mesmo após cem anos da sua passagem pela região?

Palavras Chave: Cinema, Estudos Culturais, Amazônia, História, Darwinismo Social.

Abstract: This article aims to be an essay on history and cultural studies, through the analysis of the documentary “No Río das Amazonas”, and also find answers to the questions of Euclides da Cunha: the Amazon still continues a land without history, even after hundred years of its passage through the region?

Keywords: Cinema, Cultural Studies, Amazon, History, Social Darwinism.

Introdução

A primeira parte do artigo consiste em questionar a máxima de Euclides da Cunha de que a Amazônia seria *uma terra sem história*, e através dos preceitos de Marc Bloch tentaremos comprovar a nossa linha de raciocínio, por meio da história da cultura amazônica, tomando por objeto de reflexão e pesquisa um documentário.

Após essa primeira parte, mostraremos um pouco do que se pode chamar de

1. Graduado em História pela Faculdade de Ciências e Letras de Assis/UNESP (1991). Doutor em História e Sociedade pelo Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (2011). Líder do Grupo de Pesquisa Centro de Estudos do Imaginário Social. Membro do Conselho Editorial da Revista Eletrônica *Labirinto*. Membro do Conselho Editor da Revista *Tenso Diagonal* (Montevideu-Uruguai). Professor do Departamento de História da Universidade Federal de Rondônia e do Programa de Pós-Graduação do Mestrado em História e Estudos Culturais do Núcleo de Ciências Humanas. Presidente da Associação Nacional de Professores Universitários de História-ANPUH/Seção Rondônia (RO) Biênio 2017/2018. Presidente da Federação de Capoeira do Estado de Rondônia (FECARON) para o quadriênio 2012-2015. Atualmente reconduzido como Presidente da FECARON para o quadriênio 2016-2020.

2. Professor da Rede Pública do Estado de Rondônia, Mestre em História e Estudos Culturais-UNIR.

“invenção de uma tradição” amazônica, onde parte de sua história é praticamente ignorada. Também buscamos aqui descortinar o mito de que a história da região teria tido início com a chegada dos europeus no final do século XV. Além de apresentarmos o homem que foi capaz de fixar-se nessas terras e que por meio de árduo trabalho de “adaptação” conseguiu firmar suas raízes e sua cultura nas terras amazônicas.

Na terceira parte refletiremos sobre o modo de vida do homem amazônico, a partir de duas fontes: o documentário *No Rio das Amazonas* e o livro *A Condição Humana* de Hannah Arendt. Neste vamos tergiversar sobre as formas de vida e da cultura desse homem que viveu longe dos grandes centros do país. Além disso buscaremos entender como a indústria extrativista tentou se estabelecer na região e como desde os tempos da colonização foi um agravante para a colonização da região e também um dos graves problemas para o “não desenvolvimento” da mesma.

Terra Sem História?

Em determinado período do século XX, a ciência histórica passou a ter diferentes visões sobre um mesmo fato, ampliou-se a noção de fontes documentais, para muito além dos documentos escritos e oficiais. Foram incorporados inúmeros artefatos humanos, a exemplo dos registros arqueológicos, do cinema, das fotografias e principalmente do testemunho oral.

Tempos antes do aparecimento dessa nova abordagem, Euclides da Cunha, em *A Margem da História*, a partir dos pressupostos do positivismo e do darwinismo, descrevera a região amazônica, como uma terra sem história. Para Euclides, o lugar ainda encontrava-se em formação, com baixa densidade demográfica e ausência total do urbanismo enquanto sinônimo de civilização do início do século XX.

A Impressão dominante que tive, e talvez corresponda a uma verdade positiva, é esta: o homem, ali, é ainda um intruso impertinente. Chegou sem ser esperado e nem querido –quando a natureza ainda estava arrumando o seu mais vasto e luxuoso salão. (Cunha 18)

O ideal positivista, materializado no progresso e na visão linear da história, era a peça chave no entendimento de Euclides. Este ideal foi confrontado por Marc Bloch, um homem do mesmo período, mas que estava remando contra a corrente e naquele período apresentava uma nova visão da história. Para Bloch, a história não seria constituída de forma linear e sim o conjunto de uma série de rupturas ao longo dos anos.

Para Bloch (55), a história é a “ciência dos homens no tempo”, partia do princípio de que cada indivíduo é capaz de produzir uma narrativa própria de seu tempo, portanto caberia ao historiador fazer o questionamento adequado das fontes. É o historiador que impõe a significação do seu tempo presente às fontes do passado vivido. Segundo Bloch,

“O passado é, por definição, um dado que nada mais modificará. Mas o conhecimento do passado é uma coisa em progresso, que incessantemente se transforma e se aperfeiçoa (Bloch 75)”.

Através do “método regressivo” proposto por Bloch, o historiador buscaria a compreensão do passado e vice-versa, sendo que o conhecimento e a leitura do passado seriam em si um objeto dinâmico e em constante mudança. Compreender o passado, exigiria a revisão contínua e contemporânea das fontes e dos fatos cristalizados. Neste contexto de mudanças em grande velocidade, outras áreas e conceitos vão ser agregados à ciência histórica, a interdisciplinaridade terá um papel relevante para esse ofício, já que acabou por proporcionar uma maior compreensão do complexo contexto do século XX.

Daí a importância do questionário e do método do historiador, já que a prerrogativa de compreender o passado através de evidências, e não de prejulgamento, parte do diálogo com as fontes disponíveis.

A partir do momento em que não nos resignamos mais a registrar simplesmente as palavras de nossas testemunhas, a partir do momento em que tentamos fazê-los falar, mais do que nunca impõe-se um questionário. Esta é, com efeito, a primeira necessidade de qualquer pesquisa histórica bem conduzida (Bloch 78).

Por meio da cultura, cada grupo produz uma marca própria, quebrando os ciclos da história, de repetições e quadros previsíveis como os séculos ou as denominações como feudalismo, capitalismo ou socialismo, a história não fica presa ao relógio, “o tempo humano, em resumo, permanecerá sempre rebelde tanto à implacável uniformidade como ao seccionamento rígido do tempo relógio”. (Bloch 153)

A partir de um método, a escolha de um questionário, delimitação de um tema, período e fontes a ser escolhida a história poder ser analisada, seja a partir da particularidade das experiências de um ribeirinho amazônico, em seu depoimento para um documentário. Ou ainda por meio de um documento oficial de um governador sancionando uma declaração de guerra.

A visão histórica defendida por Euclides da Cunha, partia do princípio de continuidade, desde os tempos da Grécia Antiga, demonstrando sempre uma evolução, ou seja, o homem amazônico demonstrava uma série de atrasos referentes ao “homem das regiões centrais”, leia-se europeu ocidental.

A região amazônica não estava inserida no ideal de progresso euclidiano, seja pela ausência de homens civilizados, seja pelo modo de vida rural daquelas pessoas. Daí a iniciativa nos anos 1920 de levar estradas e telégrafo para essas regiões, foi a “inserção” da Amazônia junto à nação brasileira.

Ser civilizado na República [...] significa a valorização dos conhecimentos e procedimentos científicos, a defesa da cultura como sinônimo de ilustração ou erudição e a incorporação de comportamento e hábitos urbanos (Maciel 188).

A leitura de Euclides sobre a Amazônia estava em sintonia com a sua época, e ainda nos dias de hoje a visão euclidiana reproduz-se de forma naturalizada. A região amazônica é comparada a centros industriais, de adensamento populacional e urbanização em moldes modernos, e resiste no imaginário brasileiro as imagens que remetem a mata, aos animais selvagens e aos índios sem contato.

Da invenção da Amazônia à conquista pelo sertanejo

A Amazônia é uma vasta região brasileira, contando com mais de 50% do território nacional formada por nove estados.³ Por causa dessa extensão ainda pouco conhecida, pelos brasileiros, as notícias referentes a ela se concentram mais entorno de sua natureza, e bem pouco em relação ao homem que habita a região. Um território que desde a chegada dos europeus “encanta” pela imensidão e pelas lendas recicladas de outras culturas, ou seja, a Amazônia:

Não foi descoberta, sequer foi construída, sua invenção se dá a partir da construção da Índia, fabricada pela historiografia greco-romana, pelo relato dos peregrinos, missionários, viajantes e comerciantes [...] inclui-se, ainda, a mitologia indiana que, a partir de uma natureza variada delicia e apavora os homens medievais. A tal conjunto de maravilhas anexam-se as monstruosidades animais e corporais incluídas tão somente enquanto oposição ao homem considerado como adâmica normal e habitante de um mundo delimitado por fronteiras orientadas por tradições religiosas. (Ondim 09)

Se levarmos em conta que, para o pensamento ocidental, a Amazônia passa a existir somente a partir da conquista dos espanhóis e portugueses. Premissa essa a desconsiderar a experiência milenar de inúmeros povos que habitam a região desde o período do Neolítico. E que por estratégia de legitimação, sobre a conquista do território, ainda hoje, reproduz a história oficial da região.

Um dos exemplos é o pesquisador Leandro Tocantins (1982), para o autor, a história da Amazônia teve início com o ciclo da busca pelas drogas do sertão, ou como ele próprio conceituou, o primeiro tempo amazônico. Em seguida, adotando o mesmo critério econômico, o segundo tempo teria se dado com a extração da borracha. Numa referência direta a Darwin, o autor postulava que a sobrevivência na Amazônia, seria possível somente aos mais adaptados. Para ele, “a organização da vida social na Amazônia repassou em três ou melhor, quatro fatores essenciais – o índio como produtividade, o português como política e procriador do europeu nos trópicos e o missionário como aldeador”.

No documentário “No Rio das Amazonas”, aqui eleito para análise, é afirmado que “a história da colonização do homem branco na Amazônia, é a história do massacre dos

3. O território brasileiro corresponde a mais de 50% do total da região geográfica da Amazônia, abrangendo terras do Pará, Maranhão, Amazonas, Tocantins, Mato Grosso, Rondônia, Acre, Amapá e Roraima (Teixeira and Fonseca 28).

indígenas”, nessa luta pela adaptação, o homem branco teria subjugado o indígena aqui se estabelecendo. E por meio da catequização a cultura portuguesa foi paulatinamente sendo disseminada e a cultura indígena, considerada inferior, foi aos poucos sendo extinta.

Forjou-se uma identidade nacional na região amazônica, com o indígena fazendo parte de uma representação superficial e domada, mas ambigualmente sendo deslocada para fora da cena. Neste sentido, nos alicerçamos nas considerações, a respeito da construção de identidades no período de formação dos estados nacionais, de Stuart Hall (48), “O argumento que estarei considerando aqui é que na verdade, as identidades nacionais não são coisas com as quais nós nascemos, mas são formadas e transformadas no interior da representação”.

A narrativa da nação, em nosso caso, parte de um mito fundacional que seria a chegada dos colonizadores europeus. Nessa invenção de uma tradição nacional (Hobsbawm passim) a Amazônia seria uma região despovoada, carente e repleta de necessidades. Ambigualmente com um povo ocioso, os pouquíssimos povos nessa concepção mirabolante, chegando às raias da literatura fantástica pois os mapas do período desmentem essa versão, a maioria das vezes é associado à preguiça, daí a legitimidade da conquista da região. Estas inverdades levam, muitos desavisados, a crer na imensidão de um vasto território despovoado, aí se encontraria uma justificativa aceitável para a exploração no período.

Também seria neste tempo amazônico conforme Euclides, o mentor do darwinismo social, que o sertanejo nordestino teria realizado um trabalho de “adaptação às avessas”, pois chegaram com desvantagem em comparação aos portugueses que dispunham de variado apoio, desde a “abundância” de mão de obra escravizada indígena e ricas companhias de comércio da igreja para escravizar e doutrinar os povos nativos. Aos nordestinos coube enfrentar uma séria de dificuldades, que já traziam consigo do sertão agreste, para se manter na região.

As suas linhas baralham-se nos traçados revoltosos de uma fuga. Agravou-se sempre uma seleção natural invertida: todos os fracos, todos os inúteis, todos os doentes e todos os sacrificados expedidos a esmo, como o rebotalho das gentes, para o deserto [verde]. (Cunha 48-9)

No final do século XIX e início do século XX, a borracha da Amazônia transformou-se numa enorme fonte de recursos para os mercados industriais, “foi a borracha que veio lançá-la [a Amazônia] ao renome, como produtora de uma das mais notáveis matérias-primas oferecidas a humanidade, através de uma gama de expectativas e aspirações crescentes” (Tocantins 119). A partir dessa grande demanda, o sertanejo nordestino expulso da zona da mata pelo latifúndio, e expulso do sertão pela seca, chega a Amazônia.

Desprovido dos elementos mais básicos à existência e endividado até gerações seguintes, nas palavras de Euclides, o seringueiro “trabalha para escravizar-se”.

Assim como no documentário, Euclides da Cunha, se mostrava insatisfeito pela falta de assistência ao povo amazônico, desde as primeiras migrações dos retirantes nordestinos ou aventureiros da Borracha. Segundo ele, o governo federal, até então, nunca havia enviado sequer médicos ou qualquer outro tipo de assistência para a região. Nas palavras do pesquisador, sem condições e sem elementos vitais para sua autonomia, o sertanejo tornou-se presa fácil no sistema de barracão na Amazônia.

Enquanto o colono italiano se deslocou de Gênova a mais remota fazenda de São Paulo, paternalmente assistido pelos nossos poderes públicos, o cearense efetua, à sua custa e de todo em todo desamparado, uma viagem mais difícil, em que os adiantamentos feitos pelos contratadores insaciáveis, inçados de parcelas fantásticas e de preços inauditos, o transformam as mais das vezes em devedor para sempre insolvente. (Cunha 51)

Após o fim do primeiro Ciclo da Borracha, o nordestino ficou desamparado mais uma vez, agora do seringalista e dos aviamentos do barracão, coube a ele se adaptar às oportunidades oferecidas pela natureza, tomando como parâmetro as culturas indígenas, nas palavras vagas e pouco precisas do naturalista Paulo Vanzolini, “o amazônida é o nordestino transplantado recentemente”.

Raimundo, o animal laborans

O primeiro e o segundo tempo de Leandro Tocantins haviam passado. A região Amazônica irrompia em novos tempos, dessa vez refém não apenas do interesse econômico estrangeiro, como nos ciclos anteriores, mas acrescenta-se dos interesses dos vários extratos da burguesia nacional, a exemplo dos empreendimentos de colonização na década de 1970. Estes interesses atendia a burguesia agroexportadora, pois não trazia reformas de base ao latifúndio, também atendia a burguesia financista na oferta de créditos e também a burguesia industrial que via a região como uma fonte de matéria-prima inexplorada e abertura de mercado consumidor futuro. Além de todos estes setores nacionais, ainda concedia isenções para indústrias estrangeiras que instalassem megaprojetos de agro exportação na região. A Amazônia passava a ser a panaceia que resolveria todos os problemas de expansão capitalista de um só golpe, e com vantagens políticas, pois não tocava no status quo dos grupos dominantes,

A Amazônia, depois de sua dependência externa (ciclo das drogas do sertão e da borracha) passou a subordinar-se ao que se poderia chamar de neocolonialismo interno [...] Paulistas são os novos pioneiros na ocupação amazônica. Implantam indústrias urbanas, formam pastagens para o criatório de gado. (Tocantins 150)

Esses novos grupos de migrantes vinham em condição e mentalidade diferentes daqueles nordestinos do primeiro e do segundo ciclos da borracha. O intuito seria outro.

O objetivo era formar grandes pastagens para a criação de gado, a ordem era devastar para criar. Até o pequeno criador comungava da mesma ideologia, sempre querendo se tornar um grande fazendeiro um dia, e nesse ritmo as pastagens foram aumentando a cada dia.

Além da perda da natureza, o homem que se estabeleceu nessas terras sofre um grande risco. Além de perder suas terras e o seu ambiente, vem sofrendo forte pressão da cultura globalizada. Em contraposição e resistência a essa “incorporação/marginalização”, o estilo amazônico nos é mostrado no documentário, ribeirinhos que se mantêm na maior parte do tempo longe dos grandes centros e da cultura urbana, alguns saem da sua localidade para irem comprar linha para costurar, outros se mantêm com uma alimentação a base de açaí, peixe e mandioca.

Com destaque para o transporte dessas populações, como a área em que vivem é na beira do rio, o animal de estimação é o pato, já que consegue nadar, e o transporte é a canoa, “a canoa amazônica, não é realmente um instrumento, é mais um prolongamento do corpo humano”, uma das frases de destaque encontrada no documentário, observação também feita por Tocantins, a canoa é o “cavalo de viagem”.

Na Amazônia o cavalo foi e é a canoa. Ela conferia dignidade ao colono. Sem a canoa não seria possível o giro mercantil, a ida as drogas, o transporte entre os pontos de interesse social. E sem aqueiros todos ficavam de mãos atadas (69).

O rio tem um grande poder sobre essa região, é nele que se tira a alimentação, a economia, as brincadeiras, a locomoção, e até desastres, já que algumas casas ficam perto de áreas de barranco e a força devastadora dos rios em algumas ocasiões destrói tudo pela frente. Fato observado no documentário e por Cunha (21), ao observar o rio Amazonas, “o que nele se destaca é a função destruidora, exclusiva. A enorme caudal esta destruindo a terra”.

A embarcação é predominantemente de arquitetura portuguesa, não foi assimilada a arquitetura naval indígena, outra função do rio é sustentar uma profissão que por vezes pode ser artesanal, como as construções dos barcos, ou a dos calafates,⁴ que os ensinamentos são feitos entre os familiares.

O padre João Daniel guardou na mente o poder dos rios: “Hão de saber os leitores, que em parte alguma outra, nem região são mais necessárias as embarcações do que na Região do Amazonas pela causa, que por vezes temos trocado de serem todas as povoações, sítios, quintas e fazendas sobre os rios, e por isso todos os caminhos, e serventia é por mar e água”. (Tocantins 07)

A habitação dessas populações também tem suas particularidades, contando com uma arquitetura que remete ao mais simples possível, mas que é feita com todo cuidado

4. Trabalho em estaleiros ou na beira de portos das cidades, como mostrado no documentário, cabendo-lhe vedar com estopa de algodão alcatroada os espaços entre as tábuas com que são feitos os barcos de forma a impedir que a água se infiltre.

para que se encaixe no clima e nas ameaças de insetos da região, são os “tristões barracões cobertos de folhas de ubuçu” (Cunha 53), o que nos é detalhado em todos pormenores pelo naturalista Paulo Vanzoline:

A casa amazônica vista assim superficialmente, é uma casa muito simples e desprezível. No entanto, ela é o resultado de uma tecnologia extremamente apurada e sofisticada, especialmente no que diz respeito à escolha dos materiais. Por exemplo, uma casa como esta, ela começa tendo os esteios. Os esteios têm que ser de uma madeira incorruptível, e nesse caso eles são de acapu, depois vem a armação do telhado, ligamento do telhado. Depois vem paredes, e depois a cobertura, as paredes nesse caso são de **corubaulos**, uma madeira leve, fácil de serrar, madeira que também dura muito, com uma mão de tinta dura 30, 40 anos. E o telhado do meu ponto de vista é mais interessante, por que na Amazônia de ponta a ponta, usa-se a mesma palmeira para fazer telhado, os livros trazem como nome vulgar dela ubuçu, só que o povo só fala “buçu”, e o buçu é uma palmeira, uma palha que dura trinta anos e não dá inseto.⁵

Uma das coisas que mais impressiona no documentário é quando personagens surgem, e na maioria das vezes são pessoas simples, com um estilo de vida simples e que gostam de mostrar a sua vida, é o caso de Raimundo, um senhor que vive com a família na beira do rio e bem distante dos grandes centros. Ao ser questionado sobre a educação dos filhos chega a se emocionar e depois comenta, “a criança estuda até onde o filho pode, depois com o aval do prefeito, ele assume o ensino e assim sucessivamente”.

Assim como a educação, a profissão é uma atividade familiar, Raimundo aprendeu a caçar marisco com o pai, e seu filho já estava aprendendo a mesma atividade. Possa ser que no futuro seu filho transmitirá a técnica para o seu neto.

A natureza humana não é algo fácil de se definir, já que tudo que se encontra é condicionado para a existência humana, de acordo com Arendt (10), “os homens são seres condicionados, por que tudo aquilo com que eles entram em contato tornam-se imediatamente uma condição para sua existência”.

Labor, trabalho e ação, princípios para a *Victoria ativa* de Hannah Arendt, o labor correspondente às atividades do corpo humano, ao processo biológico, o trabalho às ferramentas e condições artificiais que os homens criam para prolongarem o seu tempo na terra, e por fim a ação, que cria condição para vida política, para a história.

O labor assegura não apenas a sobrevivência do indivíduo, mas a vida da espécie. O trabalho e o seu produto, o artefato humano, emprestam certa permanência e durabilidade a futilidade da vida mortal e ao caráter em fundar e preservar corpos políticos, cria a condição para a lembrança, ou seja, para a história. (Arendt 16)

A mudança do homem do nordeste para a Amazônia implica em uma mudança considerável no seu modo de viver, tal qual Hannah Arendt afirma, esse homem sertanejo

5. Trecho extraído do Documentário, No Rio das Amazonas (1996).

criou condições para sua existência, mesmo que para isso precisasse do trabalho para sobreviver.

O labor é a atividade que denota a submissão do homem a natureza, as necessidades biológicas para continuarmos vivos. O *animal laborans* é um servo da natureza e da terra, luta pela manutenção da vida. Um homem isolado numa ilha continua podendo ser *laborans e faber*, mas não pode ser político, portanto o homem amazônico ribeirinho ou o pertencente ao seringal lhe falta o princípio da ação.

Mas essa ação é inaceitável para o homem moderno, tal qual era imprescindível para o homem grego, o quadro que se tem é que assim como os ribeirinhos *animal laborans* submetidos à natureza, o *homo faber* faz de tudo para continuar a sua sobrevivência, criando a cada dia, artificios e mais artificios, a política se perdeu no homem moderno.

Com a perda da ação, e ênfase no labor e no trabalho, o homem moderno e o homem amazônico perdem o princípio da eternidade, aquilo que denotaria sua possibilidade de transcendência. Seria presumível dizer que, para Hannah Arendt essa era moderna não tem história ou está carente, cabendo a nós, termos esperança de que os recém-chegados a esse mundo mudem essa situação, de homens vivendo para morrer e não para tentarem um novo começo, pois é pelo princípio da ação que os homens criam coisas novas. Então voltamos ao nosso ponto de partida, seria presumível dizer que para Hannah Arendt, a Amazônia, assim como o mundo moderno é uma terra sem história?

Considerações Finais

De certo modo a Amazônia não é uma “terra sem história”, muita história já havia sido vivida a milhares de anos atrás, muito antes da chegada do europeu a estas terras. Também muita experiência já havia após a Odisséia do migrante nordestino. Faltou o olhar atento e investigativo do historiador para com essas histórias. Ou simplesmente mudar o seu olhar sobre o conceito eurocêntrico/antropocêntrico de história.

O que ainda está em construção é a identidade regional, já que a história dos grandes feitos, das grandes realizações ainda se encontra em estado potencial. Basta abrir mão do determinismo científico e perceber que a domesticação de plantas amazônicas foi um grande feito civilizacional, e que portanto não estamos falando de selvagens e sim povos com tecnologia e cultura desenvolvidos nestes milhares de anos em sua conquista da Amazônia. Nesse sentido, não estamos falando do *homo laborans* e sim do *homo faber*.

Se tomamos as premissas de Euclides, numa leitura rápida feita a partir do positivismo e sua vertente biológica, o darwinismo, as amazônidas não passam de

sobreviventes lutando contra a natureza implacável. Entretanto se adotarmos a perspectiva mais ampla de Arendt, nem o homem amazônico comum e nem tampouco o homem moderno tem ou fazem história. Para Arendt, revoluções populares que tomam o controle do destino e do tempo, a exemplo da Revolução Cabana no Pará, ou a resistência dos Manauaras com Ajuricaba, ou ainda a formação de reinos como de Teresa Benguela no Vale do Guaporé fazem da Amazônia uma terra com história.

A história já existe, os atores estão espalhados, o roteiro prestes a ser escrito, ainda falta o diretor que busque, através do seu método, compreender a cultura amazônica que vem sendo a cada dia apagada pela cultura de massas. Ou ainda pela mercantilização da cultura, como a indústria do palmito⁶ mostrada em “No Rio das Amazonas”, o desmatamento acelerado e as grandes retiradas de madeira, mostrada tristemente por um *travelling* com centenas de toras de madeira boiando no rio. Um triste movimento de câmera que não será bem visto aos olhos de um público que se importe com a história em tela, porque do contrário, quando as luzes se apagarem no cinema, o que foi visto será rapidamente esquecido. Pois tudo, no fundo, se trata de formas de perceber o mundo.

Bibliografia citada

- Arendt, Hannah. *A condição humana*. Rio de Janeiro: Forense, 1997. Impresso.
- Bloch, Marc. *Apologia da História, ou o Ofício do Historiador*: Trad. André Telles. Ed. Jorge Zahar. Rio de Janeiro: 2002. Impresso.
- Bourdieu, Pierre. *A Economia das Trocas Simbólicas*. São Paulo: Perspectiva, 3ª ed. 1992. Impresso.
- Castoriadis, Cornelius. *A Instituição Imaginária da Sociedade*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982. Impresso.
- Cunha, Euclides da. *À margem da História*. São Paulo: Martins Claret, 2006. Impresso.
- Gondim, Neide. *A invenção da Amazônia*. Ed. Marco Zero, 1994. Impresso.
- Hall, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A, 2002. Impresso.
- Hobsbawm, Eric, e Terence Ranger, orgs. *A invenção das tradições*. São Paulo: Paz e Terra, 1997. Impresso.

6. Indústria internacional visando palmito de açaí, “Explorando até o fim um recurso insuficiente”. Fábrica de palmito de açaí que dá no máximo três cortes, após o esgotamento da região a fábrica, que consiste em enlatar palmitos muda de região, e assim por diante.

Maciel, Laura. Antunes. “A Comissão Rondon e a conquista ordenada dos sertões: espaço, telégrafo e civilização.” *Projeto História* (PUCSP) [São Paulo:] 18 (1999): 167-189. Impresso.

Lima, Araújo. *A Amazônia, a terra e o homem*. Coleção Brasileira, vol. 104, São Paulo: Cia. Editora Nacional, 1975. Impresso.

Loureiro, João de J. P. *Cultura Amazônica: uma poética do imaginário*. Belém: CEJUP, 1995. Impresso.

Teixeira, Marco Antônio Domingues, e Dante Ribeiro Fonseca. *História Regional Rondônia*. Porto Velho: Brasileira, 2001. .Impresso.

Tocantins, Leandro. *Amazônia-Natureza, Homem e Tempo: uma planificação ecológica*. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército/Editora Civilização Brasileira, 1982. Impresso.

Documentário:

No Rio das Amazonas

Duração: 77 Minutos

Gênero: Documentário

Direção: Ricardo Dias

Roteiro: Ricardo Dias e Júlio Rodrigues

Sinopse: Uma viagem pela Amazônia, de Belém a Manaus. O filme tem a participação do naturalista Paulo Vanzolini e trata particularmente da ecologia da região, com ênfase no modo de vida das populações ribeirinhas do Baixo Amazonas.